

## 1973: a crise da vanguarda

A crise da vanguarda foi anunciada internacionalmente: este o grande alerta para 1973. Um alerta positivo, pois no ponto em que estamos, em que a vanguarda profissional utiliza do lixo e até do excremento para munir seus laboratórios, só se podia esperar uma reação saneadora. Digo vanguarda profissional, caracterizando um certo procedimento mantido por alguns artistas, de apenas violentarem qualquer conceito estabelecido, sem idéia de substituição ou evolução processual. São os vanguardeiros, a serviço de ideologias que nada têm a ver com os problemas estéticos, e que atordoam o público e muitas vezes a crítica, impossibilitando uma visão objetiva das carências de quem atua. O outro lado da vanguarda é a pesquisa coerente, baseada numa tradição, atenta a certas raízes regionais, sendo internacional sem ser pasticho ou simplesmente espelho. Esta a vanguarda de um Humberto Espindola, de um João Camara, e, por que não dizer, de um Volpi, de um Iberê Camargo, de um Ivã Serpa, de um Darcílio Lima. Quando a outra vanguarda, em seu desespero, deixa evidente o beco sem saída de seu esgar nihilista, quando a melhor crítica estrangeira denuncia este momento, este declínio de uma respeitabilidade baseada no temor e na confusão dialeticamente mantida, então algo de novo, de realmente novo e saudável está por acontecer. E o início de um ano assume o espaço de uma janela aberta para a vida. Nós, que sempre nos colocamos na equidistância dos golpes radicais, seja de uma vanguarda de esvaziamento e impostura, seja de um academicismo sem imaginação e coragem, acariciamos esta possibilidade de uma nova fase

em nossa arte, que pode vir a ser exatamente a pausa para a revisão dos valores reais, para a reformulação dos regulamentos obsoletos, dos espaços museológicos hesitantes e indefinidos. Há dois anos assistimos o surgimento, no Whitney Museum de Nova Iorque, de um neo-abstracionismo lírico. Era um sinal perdido, mas não gratuito, de respeito pela verdadeira liberdade, a de ser lírico, por exemplo. Num tempo de barbárie, de provocação e terrorismo, de impostura, de embriaguez alienadora, ser lírico é que constituía em verdadeira subversão. Não posso deixar de repetir aqui uma frase de Domitila do Amaral, a grande artista de teatro brasileira, voltando da França depois de uma gloriosa carreira, e recusando qualquer convite para assumir um palco nacional: "a minha distanciamento até agora foi motivada pela ausência do sentido da poesia em quase todos os grupos brasileiros. Os mais ousados abandonam corajosamente a exploração comercial pela exploração da ideologia política, esquecidos de que só a poesia é verdadeiramente subversiva." E' isso aí. Talvez seja o momento de Domitila poder voltar ao palco. Os arautos internacionais anunciam a possibilidade de se voltar à liberdade da poesia, a esta espécie de subversão que consiste em descer até à realidade íntima do ser, das coisas, para simplesmente reinventar sua necessidade num mundo aniquilado. E' a sonda da poesia. Olhando para o futuro breve de um ano que começa, com muitos atos esboçados, muitos encontros oportunos, muitas promessas e energias refeitas, acho que tudo o mais perde o sentido, quando se tem a notícia da abertura real, para uma posição integralmente de vanguarda, e que consiste na

visão por inteiro do homem e sua condição terrestre. Se a outra vanguarda, repressiva e limitadora, tiver o merecido golpe, permitir que outras vozes se identifiquem num cenário que surge das cinzas, então sim teremos um mundo novo à altura dos nossos merecimentos. Esta é a perspectiva que nos assalta. Vem de fora, como sempre, porém mais do que qualquer outra lição, vai permitir que sejamos vistos por dentro e, em vez de nos impor uma forma de ser, vai nos obrigar a uma revelação responsabilizante de todos os nossos caminhos e tendências. Não como no resto do mundo, onde todas as culturas já passaram por esta fase estatística; estaremos realmente aptos a começar, e veremos com clareza a dimensão de nossa pesquisa, quando a sombra tirânica dos mentores da amargura e da fossa perderem sua posição sacralizante. 1973 pode ser o ano de recomeço, um novo ano de arte moderna sem espetáculo e sem bandeira, racional, natural, comunitário. Sem os ressentimentos naturais de outras revoluções culturais imberbes. Agora já temos estrutura e precisamos começar.

Quanto à programação das galerias para 1973, nada de especialmente novo. Diante da possibilidade de abertura que a notícia anterior nos propicia, tudo o que pode acontecer de inesperado está apenas se esboçando. Podemos arriscar um prognóstico antilei-lão; um reforço do trabalho das galerias sérias, organizadas empresarialmente; o definhamento das saletas de arte; a falência dos mercadores que subrepticamente fomentam a falsificação ou simplesmente a admitem na hora da ganância. Assim, a mudança que aspiramos para 1973 é especialmente ética. O resto é consequência.